Estrellas Funestas

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Estrellas Funestas

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano and the Online Distributed Proofreading Team at https://www.pgdp.net (This book was produced from scanned images of public domain material from the Google Print project.)

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

L

ESTRELLAS FUNESTAS

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1--Coisas espantosas.

N.º 2--As tres irmans.

N.º 3--A engeitada.

N.º 4--Doze casamentos felizes.

N.º 5--O esqueleto.

N.º 6--O bem e o mal.

N.º 7--O senhor do Paço de Ninães.

N.º 8--Anathema.

N.º 9--A mulher fatal.

N.º 10--Cavar em ruinas.

N.os 11 e 12--Correspondencia epistolar

N.º 13--Divindade de Jesus.

N.º 14--A doida do Candal.

N.º 15--Duas horas de leitura.

N.º 16--Fanny.

N.os 17, 18 e 19--Novellas do Minho.

N.os 20 e 21--Horas de paz.

N.º 22--Agulha em palheiro.

N.º 23--O olho de vidro.

N.º 24--Annos de prosa.

N.º 25--Os brilhantes do brasileiro.

N.º 26--A bruxa do Monte-Cordova.

N.º 27--Carlota Angela.

N.º 28--Quatro horas innocentes.

N.º 29--As virtudes antigas--Um poeta portuguez... rico!

N.º 30--A filha do Doutor Negro.

N.º 31--Estrellas propicias.

N.º 32--A filha do regicida.

N.os 33 e 34--O demonio do ouro.

N.º 35--O regicida.

N.º 36--A filha do arcediago.

N.º 37--A neta do arcediago.

N.º 38--Delictos da Mocidade.

N.º 39--Onde está a felicidade?

N.º 40--Um homem de brios.

N.º 41--Memorias de Guilherme do Amaral.

N.os 42, 43 e 44--Mysterios de Lisboa.

N.os 45 e 46--Livro negro de padre Diniz.

N.os 47 e 48--O judeu.

N.º 49--Duas épocas da vida.

N.º 50--Estrellas funestas.

ESTRELLAS

FUNESTAS

QUINTA EDIÇÃO

1906
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta--44 a 54
LISBOA

1906
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º andar
LISBOA

A QUEM LER

Venho já a declarar que me desgosta o titulo d'este meu romance; mas não é esta a primeira vez que meus actos, invenções e palavras me desgostam, embora extranhos applaudam uns e outras.

Tem uma certa graça, mixto de luz e escuridade, aquelle titulo: o que não tem é verdade, verdade moral, acommodada á minha philosophia.

No romance que publiquei, intitulado AS TRES IRMÃS, rematei dizendo que não ha bons nem maus destinos, como se dissesse que o homem é o responsavel, o agente, o motor arbitrario de suas acções, das quaes lhe advém o socego ou a inquietação, a dita ou a desdita, a publica estima ou a desprezadora abominação.

Quem tal crê e disse, rejeita e desadora estrellas propicias ou funestas, como cousa de agouros, de crendices, de poetas, e de vulgar superstição.

O titulo, pois, tem muito com a fórma, e pouquissimo ou nada com a substancia d'esta novella. Quem não quizer chamar-lhe ESTRELLAS FUNESTAS, emende para os MAUS CAMINHOS DA DESGRAÇA, ou outro titulo de seu sabor, que eu de tudo me contento, se o não denominarem INVENÇÕES DO AUCTOR.

Historia mais verdadeira nunca eu a escrevi. Por verdadeira de mais, estiveram os apontamentos d'ella a olvidarem-se-me na escuridade para onde os afastaram deferencias, appellidos e pessoas, umas que se prezam em si, outras, menos em si, e muito em seus antepassados.

Deliberei, depois de censurado por pessoa que, a meu instar, me cedera as notas, a dar á estampa successos, que a bem merecem, por serem de lição a infelizes, caidos em abysmos por suas proprias mãos abertos. Para me expôr á somenos tacha de indiscreto, mudei nomes,

sentindo não poder mudar localidades, que então lá se ia abaixo, na rampa das chamadas conveniencias, o timbre da verdade historica, a côr, a essencia, o melhor das obras de arte.

Se, mesmo assim, muitos leitores, maiores de cincoenta annos, levantarem o sendal com que lhes quiz encobrir algumas feições da verdade, e as divulgarem a seus amigos, d'aqui me despeno da coima de linguareiro, offensor de cinzas illustres, e assoprador d'ellas aos olhos de quem os fecha para não ver os peccados de seus avós, contentando-se com ve'-los retratados na lona, e ennobrecidos nos bens herdados.

Dou-me pressa em destruir prevenções. Varram de sua idéa a perspectiva de que eu vá quebrar lages e carneiros por essas egrejas e capellas, chamando a juizo de homens as ossadas que, de muito, se ficaram esperando a volta do espirito para o supremo dia. Longe d'isso. Tenho escassamente uma pobre penna de historiador; são leveiras de mais as minhas mãos para sustentarem a balança dos julgamentos, cujo fiel, para obedecer ao ouro fio, releva que penda em dedos, menos encodeados na cenosidade dos vicios.

Aquietem, pois, seus escrupulos os fieis á religião dos tumulos. Hão de ir comigo ao longo de um salão, em cujas paredes, sob profundos tectos de castanho armorejados, pende uma galeria de retratos, uns carrancudos como a philaucía, outros sorrindo ironicos, como em desprezo da nossa contemplação. As arrogantes effigies, ao cabo de contas, ficarão rindo; e nós bem póde ser que passemos chorando, porque somos de uma geração que não póde, nem quer, fazer riso da desgraça.

Esta historia é innocente. Podem le'-la senhoras de imaginação

impressionavel, e os moços descontentes da vida incolor e monotona que a sociedade lhes prescreve. O auctor, quando era capaz, não enganou alguem escrevendo: ahi estão uns trinta volumes a defende'-lo da calumnia, se alguem o argue de romancista corruptor. Agora, que está velho, dobrada obrigação lhe corre de desvanecer preconceitos, que disparam em desordem da vida, e sacrificam os thesouros da paz ao pobre do coração, que tão mal os paga, por não ter cousa boa que dar por elles.

Crê o auctor que ha, no caminho da vida, muitas paragens alegres, se o caminheiro as sabe ver com os olhos já cançados de perseguir as fugitivas visões. Nem podia deixar de ser assim, a menos que a verdade, filha do céo, não fosse um mal. E a verdade, para uns temporã, e serôdea para outros, a final, a todos allumia, como o sol do Senhor, que primeiro doura a colmada choça do montanhez, e depois desce os flancos da serra, doura e lustra os zimborios dos palacios, e verte do seu zenith um raio nas cavernas onde a formiga passeia por entre as unhas do leão.

Aquellas paragens verdadeiras do caminho da vida são hospedagem commum; todavia, os mais dilectos do anjo bom, que alli recebe os peregrinos, são os mais infelizes, os mais quebrantados da jornada, os que subiram até lá o desfiladeiro das illusões, e bem mereceram a graça do anjo, rebaptisados na agua de suas lagrimas.

Sentado n'uma d'essas paragens é que eu conto esta historia ás pessoas que a quizerem ouvir por complacencia com a minha velhice, e porque eu lhe assevero que este e todos os meus romances, olham a prevenir o leitor contra os infortunios procedentes da mentira do coração.

ESTRELLAS FUNESTAS

PRIMEIRA PARTE

I

Alardeava em Lisboa suas pompas, liberalidades e desperdicios de rico morgado da provincia, Gonçalo Malafaya, primogenito e unico de uma das tres nobilissimas e mais opulentas casas do Porto.

Ha muitos annos foi isto. Ahi por 1778 é que o fidalgo portuense dava invejas aos da côrte, e a muitos namorados se atravessava, tentando a constancia das damas, e saíndo com a victoria, de que elle se lograva por mera ostentação, e nada mais que mareasse seu pundonor, ou o d'ellas.

Algumas d'essas damas levavam-lhe vantagem em pureza de sangue, e pouco o desegualavam em bens de fortuna. Admiravam-se os amigos de Gonçalo Malafaya que elle rejeitasse allianças de bom partido, vistas as condições das donas. Respondia elle que, desde menino, estava o seu casamento pactuado com D. Maria das Dôres, sua prima carnal, tambem filha unica, e successora de grandes vinculos nas provincias do norte.

D. Maria das Dôres, menina de treze annos, saíra do convento de Arouca, onde fôra educada com suas tias, e vestira o magestoso habito de aia da santa rainha Mafalda, costumeira já esquecida n'aquelle mosteiro, fundado por uma rainha portugueza d'aquelle nome.

A joven aia saíu do mosteiro, com os seus bellos olhos menos levantados ao céo que inclinados ao espelho, e viu-se bonita, por comparação com as feias. Achou-se, ao mesmo tempo, na primavera da vida e na do anno.

Parece que a natureza inteira lhe estava dando uma festa. Recordar-se do seu quarto sombrio do convento, e das rabugentas admoestações e querellas de suas tias, era-lhe um retrospecto enjoativo. Seus paes andavam como a amostra'-la de casa em casa, maravilhados do juizo da morgadinha. O juizo de Maria das Dôres, a olhos extranhos, teria antes nome de mau genio, pois não era mais que uma desmesurada vaidade de sua pessoa, e altivez com que tratava mordomos, caseiros, creados, e ainda pessoas independentes de sua casa, que a não hombreavam em fidalguia. Esta prenda lhe incutiram as tias, freiras que passavam por boas, e santas mesmo seriam; mas muitas vezes estariam a pique de perderem suas almas, pela peccaminosa soberba com que disputavam primazias de linhagem com as suas conventuaes. Na cella das duas senhoras ou se falava de milagres ou de fidalguia; e era ordinario passarem da linguagem, edificativa de sua visionaria crença em milagres, ao vanglorioso discurso de sua arvore genealogica, em demerito de alguma illustre religiosa bernarda, que, por sua parte, mofava da philaucía das nossas velhas senhoras, a quem Deus terá perdoado a fragilidade, por ser a mais inoffensiva de quantas ha.

O maior mal, proveniente d'isso, foi a vaidade da sobrinha; se, porém, seus paes gostavam d'ella assim, póde dizer-se que a educação de Maria fôra perfeita, á vontade dos paes.

Soberba com os fidalgos, que a requestavam, é que ella não era, nem

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com